

A opinião da imprensa catarinense num ano eleitoral: Uma análise sobre os editoriais do jornal Notícias do Dia (ND) em 2022¹

Magali Moser²

Pós-doutoranda no Instituto Nacional de Democracia Digital (INCT.DD)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar os posicionamentos adotados nos editoriais do jornal Notícias do Dia, do grupo ND, vinculado à Rede Record em Santa Catarina, com relação às eleições de 2022, tendo em vista a significativa expansão do grupo no estado. Com a intenção de aprofundar as reflexões sobre o impacto do jornalismo na vida pública, os editoriais são observados por meio da análise de conteúdo, considerando o contexto eleitoral e a ascensão da extrema-direita no estado. Os resultados indicam que o jornal evitou se posicionar sobre as eleições de modo explícito nos editoriais, sugerindo uma neutralidade estratégica frente ao público. Tal constatação levanta a hipótese de que a opinião mais taxativa estaria no jornalismo político. Observa-se ainda o modo como os nomes Lula e Bolsonaro aparecem, sendo o primeiro citado apenas após a vitória nas urnas.

PALAVRAS-CHAVE: Editoriais; imprensa catarinense; eleições 2022.

Introdução

Sabendo que editoriais jornalísticos contribuem para moldar a opinião pública sobre questões relevantes, como se posicionou institucionalmente a imprensa num ambiente marcado pela ascensão da extrema-direita? Tal questão deu origem a esta pesquisa, tomando como base a realidade catarinense, estado reconhecido por registrar uma adesão considerável a ideias, partidos e candidatos associados a tal espectro político, como evidenciado em eleições recentes. No imaginário social, Santa Catarina se caracteriza como um estado conservador. Nunca elegeu um governo de esquerda à frente do estado³. Embora Luís Inácio Lula da Silva (PT) tenha conquistado a maioria dos votos válidos no primeiro turno das eleições em 2002 (56%), o estado mudou radicalmente seu

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pós-doutoranda no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT.DD) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), email: magali.moser@gmail.com

³ O Partido dos Trabalhadores (PT) foi o que mais próximo chegou disso, ao participar do segundo turno das eleições de 2022, com Décio Lima.

comportamento eleitoral, tal qual o Brasil como um todo. Entretanto, há especificidades e nuances que merecem ser compreendidas em profundidade nesse território.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o jornalismo desempenha um papel fundamental no fomento ao debate público da atualidade (Gomes, 2009; Kovach; Rosenstiel, 2009; Reginato, 2019) e na proteção dos princípios democráticos. Reconhecendo o poder dos editoriais jornalísticos em pautar a opinião pública sobre questões relevantes (Goldstein, 2017; Van Dijk, 2017; Biroli; Mantovani, 2014), cabe investigar o comportamento assumido pela imprensa catarinense diante do fenômeno de expansão da extrema-direita. Dois grandes grupos dominam o mercado jornalístico do estado: a NSC, que em 2016 comprou as operações da RBS em Santa Catarina, atuando em todos os suportes e como retransmissora da TV Globo; e o grupo ND, que também se faz presente em todas as mídias e é braço da Rede Record na região. O controle da mídia regional catarinense foi amplamente pesquisado em diferentes contextos. Aguiar (2019) investigou a venda das empresas da RBS, maior conglomerado de comunicação do Sul do Brasil e maior afiliada da Rede Globo no Brasil, buscando entender os motivos que levaram dois megaempresários e *outsiders* do setor da Comunicação a investir na área.

Entretanto, ainda faltam estudos sobre o Grupo ND, que nos últimos anos cresceu consideravelmente no estado. Nesse sentido, esta pesquisa se volta para o grupo comandado pela família Petrelli, que reúne diferentes plataformas, como jornal impresso, televisão, revistas e portal de internet, incluindo veículos como a NDTV, o Portal ND+ e o jornal ND, o único impresso diariamente na região da Grande Florianópolis. Há de se ressaltar que, em nível nacional, o grupo Record recebeu vantagens diretas durante o mandato de Jair Bolsonaro, como a distribuição das verbas publicitárias além de um espaço exclusivo na mídia e uma cobertura passiva e favorável ao governo (Porto; Neves; Lima, 2020). Nesse sentido, entende-se como pertinente pesquisar essas relações no contexto apresentado.

Este trabalho é parte de uma primeira etapa de pesquisa de pós-doutoramento que analisa as posições assumidas nos editoriais de todas as edições do jornal Notícias do Dia (ND) ao longo do ano de 2022. Nesta etapa, são analisados, por meio da análise de conteúdo, as temáticas abordadas nos editoriais. A escolha do periódico se justifica frente à significativa expansão do grupo no estado. O estudo sobre os editoriais pode contribuir para compreender o entendimento do papel da mídia na sociedade, como a formação de

opinião pública e a maneira como a imprensa decide quais temas são relevantes e dignos de discussão pública nesse espaço.

Contexto catarinense

No primeiro turno das eleições de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro (à época no PSL) obteve 65,82% dos votos entre os catarinenses, sua vitória mais expressiva entre todos os estados. No segundo turno, o líder de extrema-direita teve uma vitória ainda mais acachapante: 75,92%. O candidato apoiado por ele ao governo do estado, comandante Moisés, alcançou 71,09%. Em 2022, Bolsonaro manteve uma votação de destaque, com 62,21% no primeiro turno e 69,27% dos votos no segundo turno. O candidato apoiado por ele, Jorginho Mello, foi eleito governador com mais de 70% dos votos válidos. Nas eleições municipais de 2024, o Partido Liberal (PL) de Bolsonaro elegeu candidatos em 90 dos 295 municípios, uma conquista equivalente a 30% das prefeituras catarinenses.

Inicialmente, a busca era por estabelecer uma comparação sobre os editoriais dos dois principais jornais em circulação no estado catarinense. No entanto, à medida que a pesquisa se desenvolveu, entendeu-se que focar o olhar apenas em um dos jornais pode representar um ganho de qualidade na investigação, sobretudo se considerado o crescimento e a expansão do grupo ND em Santa Catarina. Além disso, a opção de trabalhar apenas com o jornal Notícias do Dia pode permitir uma discussão ampliada e aprofundada, a partir das várias nuances envolvidas, o que a ideia inicial de comparação entre os dois jornais não permitiria, por contemplar os dois periódicos.

Dados obtidos para fins específicos desta pesquisa junto ao Instituto Verificador de Comunicação (IVC), instrumento para verificação da circulação dos jornais e, mais recentemente, do acesso às edições digitais, reforçam a importância de concentrar o olhar no jornal do grupo ND. Em contato com o IVC, que disponibiliza os dados de circulação das publicações filiadas ao Instituto, obteve-se os dados de acesso dos portais ND Mais e NSC Total. Os jornais ND e Diário Catarinense não são filiados ao IVC. Em consulta ao grupo, identifica-se que, no período de 01 de junho a 30 de junho de 2024, o portal ND+, ligado ao grupo no estado, obteve um total de 79.712.347 *page views*. A título de comparação, no mesmo período, o portal do grupo concorrente (NSC Total) acumulou um total de 58.667.619 *page views*, demarcando uma diferença acentuada.

Os jornais, a opinião pública e os editoriais

Cabe examinar o papel da imprensa em perspectiva histórica, o que se busca desenvolver nesse tópico, a fim de justificar a importância de investigações que de algum modo a contemplem. Deste modo, vale lembrar o projeto de pesquisa defendido pelo sociólogo alemão Max Weber (2006) no Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia, em 1910, ao reivindicar uma análise sociológica da imprensa. Atento à influência dos jornais, ele enfatizou os efeitos da imprensa na maneira como a sociedade interpreta o mundo exterior e propôs uma investigação sobre o processo de produção jornalística e as relações de poder no interior das empresas de comunicação: “que aspecto tem o público na atualidade e que aspecto terá no futuro, o que se torna público por meio da imprensa e *o que não?*”⁴

A atualidade da questão levantada por ele parece ser reforçada na era contemporânea, com a disseminação da internet, redes sociais e novas plataformas de comunicação, ampliando o papel da mídia, seu alcance e velocidade de disseminação de informações. Weber (2006) argumentou que a imprensa deveria ser estudada como uma instituição social central nas sociedades modernas, tal qual a religião, a economia e a política, igualmente estudadas por ele. Profundamente interessado nas relações de poder e nas formas de dominação que permeavam as instituições sociais, compreendia a imprensa como uma força que mediatiza o poder ao transformar questões em debates públicos. Na contemporaneidade, essa preocupação permanece relevante, à medida que a mídia continua sendo uma ferramenta poderosa para influenciar a opinião pública e moldar as percepções de mundo.

A concentração da propriedade da mídia em conglomerados empresariais e sua crescente interconexão com elites políticas e econômicas reforçam tal relevância. As notícias seriam um primeiro conhecimento sobre determinados fatos que estão além de nossa experiência imediata, conforme sinalizaram teóricos como o jornalista Walter Lippmann, no livro *A Opinião Pública (Public Opinion)*, escrito em 1922, e o sociólogo Robert Ezra Park, no texto *As notícias como forma de conhecimento (News as a form of knowledge)*, de 1940. Embora escrita há mais de um século, a obra de Lippmann é

⁴ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/XMzjFjLswVVT7V63rfyH5vv/> Acesso em: out/2024.

considerada atual especialmente em debates sobre jornalismo, democracia e comunicação política. Suas ideias, que surgiram no início do século XX, permanecem fundamentais para entender os desafios enfrentados pela sociedade em um mundo altamente interconectado e com uma abundância de informações.

Na obra considerada referencial no campo acadêmico da comunicação e do jornalismo (1922), argumentou que a maioria das pessoas forma opiniões baseadas em “imagens” fornecidas pela mídia, e não em experiências diretas com os eventos. Ele acreditava que a mídia constrói um “pseudoambiente”, uma versão simplificada e filtrada da realidade, que molda o que as pessoas acreditam ser verdade. Segundo Lippmann (2008), as pessoas constroem suas percepções do mundo com base nas representações que a mídia oferece, o que significa que a mídia tem um papel fundamental na construção da realidade percebida pelo público. Na era das redes sociais e da internet, essa ideia se atualiza: A proliferação de conteúdos falsos e algoritmos que filtram o conteúdo exposto aos usuários ilustram a relevância do conceito de Lippmann (2008) de que o público raramente interage diretamente com a realidade, mas sim com representações midiáticas.

Lippmann (2008) discute como a opinião pública é moldada pela mídia, que simplifica e seleciona os eventos que serão apresentados ao público. A teoria da agenda amplia essa ideia ao investigar empiricamente como a frequência e a ênfase da cobertura midiática de determinados temas influenciam a percepção do público sobre a importância desses temas. Lippmann sugere que, enquanto a imprensa pode trazer certos eventos à luz, ela não deve ser vista como uma substituta para instituições estáveis e organizadas que oferecem uma visão mais completa e contínua da realidade. Ele alerta que governar ou tomar decisões com base apenas em “episódios, incidentes e erupções” — ou seja, eventos isolados destacados pela mídia — é insuficiente e inadequado para o funcionamento saudável da sociedade:

A imprensa não é substituta para as instituições. É como um raio de holofote que se move sem descanso, trazendo um episódio e depois o outro fora da escuridão à visão. Os homens não podem fazer o trabalho do mundo através desta luz somente. Eles não podem governar a sociedade por episódios, incidentes e erupções. Só quando eles trabalham com a ajuda de uma luz firme, que a imprensa, quando foca sobre eles, revela uma situação inteligível e suficiente para uma decisão popular. (Lippmann, 2008, p. 308)

Lippmann foi um dos primeiros a reconhecer que a mídia poderia moldar as percepções do público ao criar imagens simplificadas do mundo complexo. A teoria da agenda, por sua vez, demonstra como a mídia, ao decidir quais temas receberão atenção, exerce poder sobre quais questões serão debatidas publicamente. A relação entre a teoria da agenda e *Opinião Pública* de Lippmann é nítida: ambos abordam como a mídia influencia e molda a percepção do público. Lippmann forneceu o arcabouço teórico inicial ao argumentar que a mídia constrói a realidade percebida pelo público, enquanto a teoria da agenda expandiu essa ideia ao demonstrar empiricamente como a mídia define a agenda pública ao priorizar certos temas. Em conjunto, essas ideias ajudam a entender o poder da mídia na formação da opinião pública e na definição dos debates sociais.

Os editoriais jornalísticos são peças centrais no jornalismo de opinião à medida que representam a posição oficial dos veículos de comunicação sobre determinados assuntos. Não por acaso, Luiz Beltrão (1980, p. 52) definiu editoriais como “a voz do jornal, sua tribuna”. Estudar esses textos pode proporcionar uma compreensão aprofundada de diversos aspectos que moldam a sociedade, a política e a cultura. Ao contrário do texto jornalístico informativo, os editoriais são escritos com o intuito de persuadir os leitores sobre um ponto de vista específico (Marques de Melo, 1994). Estudá-los permite analisar, portanto, as técnicas persuasivas e os argumentos utilizados para influenciar a opinião pública. Ao definir e priorizar certos temas, os editoriais moldam as percepções e atitudes do público em relação a questões cruciais. Compreender essa dinâmica é essencial para avaliar o impacto da mídia na sociedade:

O texto editorial constitui um paradoxo para a empresa jornalística: ao mesmo tempo em que é um espaço legítimo para veicular a opinião do jornal, acaba estabelecendo uma tensão permanente, já que os periódicos procuram se apresentar, nas seções noticiosas, como obedientes aos princípios da neutralidade e da objetividade (Marques, Mont’Alverne, 2019, p. 4)

Numa das classificações mais utilizadas no país sobre gêneros jornalísticos, estabelecida por José Marques de Melo (1994; 2010; 2020), o editorial é enquadrado como gênero opinativo. Marques de Melo (1994, p. 95) define editorial como “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Todavia, a sua natureza de porta-voz da instituição jornalística precisa ser melhor compreendida e delimitada”. Para o autor, “[...] o editorial afigura-se como um espaço de contradições. Seu discurso constitui uma teia de articulações políticas

e por isso representa um exercício permanente de equilíbrio semântico.[...] (Marques de Melo, 1994, p. 96).

Um ponto importante a ser considerado quando se propõe a análise de editoriais é o questionamento sobre a qual público se destinam os textos editoriais. Araújo e Campos (2021, p. 146) lembram que “embora possam direcionar-se ao público amplo, esses textos de caráter argumentativo são orientados, muitas vezes, aos governantes e ao Estado”. Ao citarem Alfred Stepan (1971), eles lembram que os editoriais privilegiariam temas de política justamente porque se voltariam ao Estado.

Metodologia e análises: posicionamento estratégico

Para realizar as análises, buscou-se o acesso num primeiro momento ao conteúdo restrito para assinantes do jornal ND, fazendo o *download* das edições dos editoriais publicados no decorrer do ano de 2022. A escolha foi por analisar as publicações durante todo o ano eleitoral e não apenas um período específico, antes ou depois das eleições, com a intenção de obter um panorama mais completo e aprofundado. Ao todo, foram localizados 316 textos acessados, já que o jornal é diário, mas a edição de fim de semana é conjunta (uma edição para sábado e domingo). Esses textos foram submetidos à análise de conteúdo e classificados em categorias temáticas (Sampaio e Lycarião, 2023) sobre os assuntos abordados. Tal procedimento teve o apoio de estudantes (a pesquisadora contou com a ajuda de dois bolsistas de iniciação científica⁵), com a finalidade de garantir maior fidelidade nas análises, diminuindo possíveis enviesamentos subjetivos.

Os dados coletados também passaram por tratamento automatizado via ferramenta Orange, permitindo resultados quantitativos, como nuvem de palavras mais recorrentes utilizadas nos textos, frequência e contexto do uso de termos como Bolsonaro e Lula no conjunto de textos analisado.

⁵ Aproveitamos para registrar o agradecimento aos estudantes Ciro Garcez dos Santos Sacramento e Daniel de Jesus Araújo.

Grafo 1 - Nuvem de palavras a partir dos editoriais



Fonte: elaborado pela autora

As palavras em maior destaque, como “estado”, “pessoas”, “segurança”, “vida”, “pandemia”, “saúde”, “Brasil”, e “Santa Catarina”, indicam os principais assuntos abordados nos editoriais analisados. Alguns aspectos que podem ser interpretados a partir dessa nuvem de palavras: 1) **Centralidade de temas relacionados à saúde e segurança:** Palavras como “segurança”, “saúde”, “pandemia”, e “vida” estão em destaque, sugerindo que questões relacionadas à segurança pública e à saúde, especialmente em relação à pandemia de COVID-19, foram temas dominantes. 2) **Foco em contextos locais e nacionais:** Termos como “Brasil”, “Santa Catarina”, “estado”, e “nacional” indicam que os editoriais têm uma forte ênfase tanto em questões de âmbito nacional quanto regional, com destaque para o estado de Santa Catarina. 3) **Referências à economia e políticas públicas:** Palavras como “governo”, “empresas”, “mercado”, “educação”, “projeto”, “economia”, e “desenvolvimento” mostram que as editoriais também abordam temas econômicos e projetos governamentais.

Abaixo reproduzimos uma página do editorial para facilitar a compreensão sobre a sua disposição no projeto gráfico do jornal e ilustrar parte das análises. Em geral, os

textos classificados como editorial no jornal Notícias do Dia ocupam uma única coluna, à esquerda da página. O editorial divide espaço na página com a charge, apresentada na parte superior, e um artigo opinativo cuja autoria muda a cada edição. Uma nota de rodapé informa sobre dados referentes ao expediente do jornal.

Reprodução de página com editorial analisado

ND NOTÍCIAS DO DIA - 03 de novembro de 2022 - 2

Editorial

Manifestações fazem bem à democracia

Muitas de milhares foram às ruas neste período, nas principais cidades do país, numa gigantesca manifestação verde-amarela em nome da República. De maneira espontânea, expressou um sentimento de insatisfação com a maneira de lidar. Supraintendeu as ruas e avenidas e ficou para a frente das questões que demandam as urnas do Brasil atual.

Em junho faltaram os protestos anteriores em clima de ordem e com violência, de forma pacífica e respeitosa. Não foi um protesto de quem perdeu uma eleição e culpa pela derrota, mas de quem reclama a falta de transparência em uma eleição carregada de dúvidas e suspeitas.

Os cidadãos tiveram caladarias para para as manifestações, principalmente por não haverem as medidas efetivas em vigor. O resultado eleitoral, contestado ou não, foi o desejo da maioria dos brasileiros, que deve ser respeitado, mas com uma participação e um discernimento que reconheça o país ao novo.

Os protestos são a materialização dessa democracia que prevalece tanto desde os protestos a partir de 10 de outubro, acompanhados com o bloqueio das rodovias que tiraram o país, mesmo participando sem precedentes. Porém, mesmo há de outubro, as manifestações reuniram milhares, revelando uma realidade dos cidadãos que confirmam o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como novo ocupante do Palácio da Planalto a partir de 1º de janeiro de próximo ano.

Como em qualquer regime democrático, o trabalho dos seus não deve ser contestado. A eleição colocou nos olhos do eleitor a ideia de escolher um novo governo. Porém, a democracia também permite que todas as discordâncias protestem de forma legítima e respeitosa. O que se viu ontem não teve fim em breves minutos.

a democracia, em pleno exercício de cidadania. Considerar tais atos não é como a cidade amarelo-verde. As manifestações não ultrapassaram os limites constitucionais.

A expressão de insatisfação popular prevalece uma grande onda de protestos nas principais cidades brasileiras. Foi caracterizada pela falta de espontaneidade como ocorreu, sem o chamamento de lideranças partidárias ou sindicais. As expressões pelo grande participação de cidadãos comuns que foram em processo junto com as famílias e amigos. Alguns perto os limites do bom-senso e da cidadania.

As manifestações não representam uma ameaça golpista, bem como não são antidemocráticas. Fazem parte da construção de democracia porque permitem ao cidadão expressar suas contradições que exercem o poder. Temos de conviver com elas, como já ocorre nos países mais desenvolvidos, onde o populista vai para de suas deficiências e melhorar suas direções e ideias.

Neste momento de turbulência é preciso considerar os aspectos de continuidade dos blocos de oposição democraticamente a nível do cidadão e da economia. É preciso manter o nível de renda para evitar o retrocesso imediato da economia. Mas é preciso reconhecer que as manifestações que ocorreram ontem não tinham caráter insurrecional ou ilegítimo. Não afrontaram a lei e o dia, antes de tudo, um direito constitucional que faz bem à democracia.


O grande recado é que o catarinense tem maturidade política, conhece seus deveres e direitos e prezou a liberdade de se manifestar.

Apesar de estar no estado legítimo, os catarinenses expressaram sua descontentamento com um possível retrocesso político, visando a manutenção e a sobre de uma ideologia que constrói seus princípios e valores. Assim um Estado conservador, que valoriza a família, a religião e o trabalho. Nosso povo é ordeiro e construiu uma identidade de respeito de leis e à democracia gerada após a agitação.

O grande recado das manifestações é que o catarinense tem maturidade política, conhece seus direitos e

GRUPO ND 

A primeira análise desenvolvida buscou classificar os textos dos editoriais a partir de uma categorização temática. Com base na leitura do conjunto de textos, definiu-se as seguintes categorias temáticas, pensando na abordagem dos temas trabalhados nos editoriais:

Política: questões referentes às eleições, partidos, representatividade e legislação.

Economia: questões da macro e microeconomia, direitos do consumidor.

Educação: questões relativas ao ensino em diferentes instâncias.

Saúde: questões ligadas à qualidade de vida e pandemia.

Cultura: questões relativas à cultura de maneira geral e ao patrimônio histórico.

Trânsito: questões relativas à mobilidade e transporte público.

Meio ambiente: questões relativas à sustentabilidade

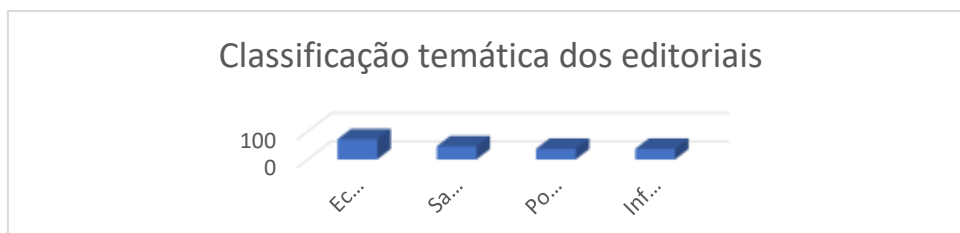
Segurança: crimes, prevenção e violência.

Infraestrutura: investimentos, obras, turismo...

Outros: não se enquadram nas categorias anteriores.

Dos 316 textos analisados, a maioria deles tratam de questões relativas à economia (72), seguido por saúde (47), política (38) e infraestrutura (38). Como uma segunda etapa da pesquisa, pretende-se avançar para a análise do enquadramento/abordagem de tais temáticas, permitindo um olhar mais apurado sobre o modo como tais assuntos foram tratados pelos editoriais do jornal. Em princípio, é possível afirmar que há a recorrência de um discurso em favor do empreendedorismo e alinhada ao imaginário neoliberal.

Tabela 1. Categorias temáticas mais recorrentes nos editoriais



Fonte: elaborado pela autora

A principal conclusão apresentada é que o jornal evitou se posicionar explicitamente sobre as eleições nos seus editoriais, com exceção do editorial especial publicado em 3 de novembro em favor das manifestações golpistas. Isso sugere que, mesmo procurando manter uma possível neutralidade estratégica, evitando comprometer sua audiência em um cenário político polarizado, o jornal também agiu como agente político envolvido. Entretanto, uma hipótese sugere que as opiniões mais firmes e partidárias poderiam estar sendo expressas em espaços mais personalizados, como colunas de opinião política. Colunistas em âmbito estadual, como Moacir Pereira e Paulo Alceu, e também em nível nacional, como Alexandre Garcia e Rodrigo Constantino, costumam demarcar o espaço de colunistas com posições mais direcionadas. Tal desconfiança exigiria, no entanto, uma outra investigação.

Na análise, observa-se ainda que a menção aos candidatos Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (então PSL) foi tratada de maneira diferenciada. Lula, por exemplo, só foi anunciado após a vitória nas urnas, o que poderia sugerir uma tentativa de silenciamento durante o período eleitoral, de apenas abordar sua figura quando sua relevância fosse inevitável, após o resultado. Isso pode revelar um posicionamento implícito do jornal, que embora não tenha se manifestado explicitamente, optou por uma estratégia discursiva que privilegia o silenciamento (Orlandi, 2007).

A presente pesquisa relaciona-se diretamente e de diversas maneiras com as discussões propostas pelo GT Gêneros Jornalísticos. A teoria dos gêneros jornalísticos defende que o editorial se caracteriza como um texto argumentativo, com a intenção de seduzir e influenciar diretamente o público leitor. Os editoriais frequentemente refletem a opinião editorial do veículo de comunicação e podem influenciar a opinião pública. Ao focar nos editoriais do jornal Notícias do Dia, do Grupo ND em Santa Catarina, a pesquisa analisa como certos temas são priorizados ou destacados. Em um ano eleitoral, os temas escolhidos para destaque na mídia podem moldar a percepção pública sobre questões políticas, candidatos e partidos. A pesquisa investiga quais temas foram enfatizados e como isso pode ter influenciado o eleitorado catarinense. A análise de como os editoriais abordam diferentes temas políticos pode revelar as tendências e intenções do Grupo ND em moldar a opinião pública.

Os resultados indicaram, de maneira geral, um posicionamento sutil do jornal com relação à temática específica eleições, seja na esfera presidencial ou para o governo do

estado, com a nítida preferência em abordar questões pouco controversas, como a necessidade de investir em saúde, segurança pública ou educação. Posicionamentos mais taxativos são pouco comuns e tendem a se referir a situações pontuais, como posição contrária à greve de trabalhadores em geral. Tal constatação gera a desconfiança de que a opinião mais taxativa sobre o contexto político se encontra não nos editoriais, mas nas colunas assinadas por comentaristas políticos. Uma exceção é o editorial especial publicado em 3 de novembro de 2022, quando o jornal se posiciona a favor das manifestações golpistas alegando serem democráticas. Além disso, os resultados apontaram uma tendência do jornal em apostar em fontes oficiais para legitimar as opiniões defendidas no editorial.

Considerações finais

As análises desenvolvidas até aqui com foco nos editoriais mostram um posicionamento sutil do jornal com relação à temática específica eleições, com a nítida preferência em abordar questões pouco controversas, como a necessidade de investir em saúde, segurança pública, educação ou a necessidade de redução da carga tributária. Uma exceção foi o editorial publicado em 3 de novembro de 2022, intitulado Manifestações fazem bem à democracia, quando há uma exaltação dos atos golpistas em apoio a Bolsonaro.

Os resultados apontaram uma tendência do jornal em apostar em fontes oficiais para legitimar as opiniões defendidas no editorial. Posicionamentos mais taxativos são pouco comuns e tendem a se referir a situações pontuais, como posição contrária à greve de trabalhadores em geral ou a decisões internas envolvendo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tal constatação gera a desconfiança de que a opinião mais taxativa sobre o contexto político se encontra não nos editoriais, mas nas colunas assinadas por comentaristas político.

Mesmo sem expressar uma opinião enfática, o jornal continua desempenhando seu papel de agendar temas que o público deve considerar relevantes. A preferência por utilizar fontes oficiais para legitimar as opiniões nos editoriais reforça a ideia de que a mídia pode moldar a percepção pública sobre o que é importante com base em quem é citado ou considerado como autoridade no assunto. Isso se alinha à Teoria do Agendamento, que afirma que as escolhas da mídia — como quais fontes utilizar — ajudam a moldar o debate público e a hierarquia de relevância dos temas.

Manter um tom sutil permite que o jornal preserve a aparência de imparcialidade e neutralidade, o que é essencial para manter a credibilidade perante um público diversificado. Uma postura muito enfática ou polarizada pode afastar leitores e comprometer a reputação do veículo como fonte confiável de informações. Em contrapartida, um editorial com posicionamento sutil permite que o jornal ofereça espaço para múltiplas interpretações, evitando se comprometer. A sutileza permite transmitir uma opinião enquanto mantém a aparência de abertura ao debate e à diversidade de perspectivas. Veículos de comunicação que tomam posições editoriais explícitas e radicais correm o risco de enfrentar repercussões negativas, como a perda de patrocinadores, críticas públicas, ou até mesmo pressão política sobretudo num cenário como o brasileiro, onde posicionamentos mais taxativos nos editoriais ainda são pouco comuns. A sutileza nos editoriais permite que os veículos expressem sua visão sem provocar confrontos diretos com partes interessadas ou setores poderosos da sociedade.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Itamar. **A Operação Zelotes e a venda do Grupo RBS**, 1. ed. Florianópolis: Editoria em Debate/UFSC, 2019.

ARAÚJO, Bruno; CAMPOS, Fernanda S. S. Populismo Autoritário e Meio Ambiente no Brasil: Enquadramentos do discurso antiambiental de Jair Bolsonaro em editoriais nacionais e internacionais. **Media & Jornalismo**, 22(40), pp. 141-159, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-5462_40_7 Acesso em: 17 jun, 2024.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo** (Vol. 11). Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

BIROLI, Flávia.; MANTOVANI, Denise. A parte que me cabe nesse julgamento: A Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do “mensalão”. **Opinião Pública**, v. 20, n. 2, p. 204–218, 2014.

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. La prensa brasileña y sus ‘cruzadas morales’: Un análisis de los casos del segundo gobierno de Lula da Silva. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, v. 60, n. 2, p. 395-435, 2017.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo : Geração Editorial, 2003.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES, F. P. Jamil., & MONT’ALVERNE, Camila. Conflitos, barganhas e desprezo pelo interesse público: enquadramentos do congresso nacional em editoriais da Folha de S.

Paulo. **Revista FAMECOS**, 26(1), e30158, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.30158> Acesso em: 17 jun, 2024.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista, 2010.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos**: Estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2020.

PESSOA, Camila Mont'Alverne Barreto de Paula. A imprensa como agente interessado na reforma política: um estudo sobre a cobertura noticioso e editorial de Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo e o Globo (1989-2017). Tese UFPR, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/67307/R%20-%20T%20-%20CAMILA%20MONTALVERNE%20BARRETO%20DE%20PAULA%20PESSOA%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11 jun, 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6.ed. São Paulo: UNICAMP, 2007.

PORTO, Mauro; NEVES, Daniela; LIMA, Bárbara. Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político. **Revista Compolítica**, v. 10, p. 5-34, 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diogénes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

VAN DIJK, T. A. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian president Dilma Rousseff. **Discourse and Communication**, v. 11, n. 2, p. 199– 229, 2017.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 34-44.